

BEREZIN, Josie. **Semanas de Dança: a Prática de uma Curadoria Descolonial**. Campinas: Unicamp. Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – IA. Unicamp; Mestrado; Cássia Navas.

RESUMO

O presente trabalho busca fazer uma descrição e análise da Mostra Semanas de Dança do Centro Cultural São Paulo, das edições de 2015 e 2016, com o intuito de abordá-la como uma iniciativa pós-colonial, considerando as suas características de curadoria e programação. A pesquisa parte da historiografia ocidental moderna da dança, e do peso que o sistema colonial exerce em termos sociais, políticos, econômicos, culturais e simbólicos na sociedade brasileira e nos indivíduos, moldando o pensar da história, da cultura e da construção da epistemologia ocidental de forma geral.

Palavras-Chave: Historiografia. Dança. História ocidental. Epistemologia. Descolonial.

ABSTRACT

The present work seeks to describe and analyze the “Semanas de Dança” festival of Centro Cultural São Paulo, in the editions of 2015 and 2016, with the aim of approaching it as a postcolonial initiative, considering its characteristics of curatorship and programming. The research is based on the modern Western dance historiography and on the weight that the colonial system makes in social, political, economic, cultural and symbolic terms in Brazilian society and individuals, shaping the thinking of history, culture and the construction of Western epistemology.

Keywords: Historiography. Dance. Western history. Epistemology. Decolonial.

Introdução

Semanas de Dança é uma mostra de dança criada na década de 1990 no Centro Cultural São Paulo (CCSP)¹, que no decorrer de suas edições acumulou formatos e conteúdos diversos e traçou um reflexo da trajetória da dança na cidade durante a sua existência. Apesar de ter sido descontinuada por razões diversas, foi uma das iniciativas mais bem-sucedidas na área de dança da instituição, e de grande significância para a cidade de São Paulo. Neste artigo, o foco será as edições de 2015 e 2016, que tiveram curadoria de Andrea Thomioka, grande bailarina clássica premiada internacionalmente nos anos 90, com ampla e diversificada experiência na área de dança.

Nestas edições, observou-se o empenho em unir danças de estilos diversos e em suportes variados, o que é incomum em programas de mostras e festivais de dança em geral, em que apenas alguns estilos de dança mais difundidos são contemplados. Tal qual observado nas mostras de dança do CCSP, promove-se um encontro horizontal entre grupos e artistas que fazem

¹ Também conhecido popularmente por “Centro Cultural Vergueiro”, por sua localização na R. Vergueiro

parte de uma cultura dominante colonial (como o balé e a dança contemporânea), e por outro lado, grupos que foram historicamente subalternizados e que representam uma resistência cultural colonial (como as danças urbanas e as afro-brasileiras), entre grupos mais recentes e outros com trajetórias mais longas na dança.

Assim, a partir do novo equilíbrio epistemológico (MIGNOLO, 2008) que surge neste encontro, compreendo a mostra Semanas da Dança como uma iniciativa pós-colonial, o que irei tratar ao longo deste artigo.

A Dança no Contexto Colonial

Observa-se, na história da dança, o discurso dominante ocidental que compreende as danças clássicas originadas na corte francesa e as danças modernas/contemporâneas da tradição norte-americana e europeia como as mais valorizadas em uma pretensa linha do tempo evolutiva, enquanto que outras como as danças urbanas, afro-brasileiras ou de salão têm relevância menor nesta linha do tempo, e estão à margem da cultura dominante – e por este motivo, ainda sofrem discriminação em muitos processos seletivos de mostras e festivais. Não gozam dos mesmos prestígios e status das outras danças, conhecidas como cênicas ou performativas, as quais estamos habituados a assistir em grandes festivais de dança, e até mesmo observar/ praticar nos centros de ensino e cursos universitários de dança. Longe de rechaçar as técnicas do balé e das danças modernas/contemporâneas em si (que podem ser de muita valia para muitos, inegavelmente), a intenção deste artigo é traçar seu contexto histórico de dominação simbólica da arte que a engendrou, e buscar a justificação para tamanha influência cultural e corporal internacionalmente.

Isso não surge do acaso: ao olharmos brevemente para a história da dança no Ocidente, no chamado Século das Luzes, a cultura iluminada e esclarecida da elite intelectual do velho continente delineou grande parte dos comportamentos do mundo ocidental no século XVIII, a ponto de valores burgueses europeus serem considerados os mais avançados e “civilizados” da época. O balé clássico cresceu nesse bojo: se desenvolveu nas cortes francesas e ganhou espaço, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, em inúmeras escolas e academias pelo mundo. Se firmou como corrente principal de pensamento da dança, e fez muitos acreditarem que constitui o melhor ou o único referencial estético e estrutura técnica para o ensino da dança, conferindo-lhe esta supremacia inquestionável ainda nos dias de hoje. Seguindo a lógica do pensamento colonial ocidental e de sua razão imperial, as danças que não faziam parte da tradição do balé clássico foram consideradas (e em certos meios, ainda são) à margem, como danças populares e, por isso, primitivas, sem qualquer reconhecimento artístico ou cultural.

Com interesse em pesquisar danças de fora do mundo ocidental, que pudessem estimular outros padrões e estéticas de movimento, precursoras das danças modernas como Isadora Duncan, Mary Wigman, Martha Graham,

Katherine Dunham² buscaram inspiração no que havia de fontes mais “primárias” e “essenciais” na dança: as danças chamadas exóticas ou primitivas – ou seja, danças que foram postas à margem da cultura dominante, e por isso, menosprezadas por ela. Mesmo que na época o conceito de primitivo não tivesse intenção de ser depreciativo, seu uso denota uma noção de subalternização, fazendo repercutir a lógica hierarquizante do sistema colonial. Como também na visão de Ramsay Burt, professor de história da dança, para quem

O que pode ter parecido bom senso para Graham e seus contemporâneos foi subsequentemente desafiado substancialmente pelo trabalho sobre a pós-colonialidade, de modo que o adjetivo primitivo, em geral, agora aparece no discurso acadêmico entre aspas. Essas noções de senso comum do primitivo, agora é argumentado, dissimularam uma cegueira subjacente sobre a natureza das relações de poder entre as nações dominantes ocidentais e as nações e sociedades subordinadas colonizadas, ou substancialmente dependentes de alguma outra forma. (BURT, 1998) [Tradução da autora]

As noções de primitivo e exótico, além de demonstrarem um conhecimento bastante limitado de formas de dança não-ocidentais, e uma excitação e folclorização em torno de culturas desconhecidas, condensam a forma de caracterizar as culturas a partir de um ponto de vista único e etnocêntrico, que faz perpetuar a lógica da colonialidade. Vale ressaltar, assim, a relação de dominação simbólica e subalternização que dançarinos modernos estabeleceram em relação a danças de outras culturas, haja vista que estas nunca fariam parte da corrente principal da dança, sempre categorizadas pelo adjetivo de “primitivas” ou “exóticas” como construtos inferiores. E afirmar-se como uma identidade superior, como observa-se nesse caso, é parte das realizações da razão colonial/imperial, lembra o pensador argentino Walter Mignolo. Com isto, alimenta-se a manutenção do *status quo* dominante do mundo ocidental e sua missão civilizadora.

Nesta linha, o que a lógica pós-colonial clama, justamente, é pela des-subordinação e des-subalternização de epistemologias não-ocidentais, por exemplo a latino-americana. Ou seja, compreender o mundo não-ocidental e

² *Isadora Duncan* (EUA, 1877 – França, 1927) foi uma coreógrafa e bailarina norte-americana, considerada precursora da dança moderna, aclamada por suas apresentações em toda a Europa; *Mary Wigman* (1886 - 1973) foi uma coreógrafa alemã, uma das fundadoras da dança expressionista e da dançaterapia, e uma das mais importantes figuras na história da dança moderna; *Martha Graham* (1894 – 1991) foi uma dançarina e coreógrafa norte-americana que revolucionou a história da dança moderna, o impacto de sua dança é frequentemente comparado à influência que Picasso teve para a pintura em seu tempo, ou Stravinsky para a música; *Katherine Dunham* (1909 – 2006), além de dançarina e coreógrafa afro-americana, foi também autora, educadora, antropóloga, e ativista social. Ela dirigiu sua companhia de dança por muitos anos e foi considerada a “matriarca e rainha-mãe da dança negra”.

suas culturas por meio de suas próprias características e sistemas de valores – sem que sejam consideradas inferiores por causa da dominação, marginalização e estigmatização sofridas pela ordem colonial. Um verdadeiro desafio. Mignolo traz alguns possíveis caminhos nesse sentido, apontando a necessidade de deslocar formas hegemônicas de conhecimento, a possibilidade de preferir pensar nas e a partir das margens, e a oportunidade de “aprender com aqueles que vivem e refletem a partir de legados coloniais e pós-coloniais” (MIGNOLO, 2003).

Semanas de Dança do CCSP

A partir daí, quero mencionar a Mostra Semanas de Dança do CCSP (edições de 2015 e 2016) como uma iniciativa pós-colonial, onde nenhum tipo de dança é visto de forma subalterna, super ou subvalorizada, e cuja proposta de pluralidade mostra que independente das origens, trajetórias, contextos sociais ou culturais dos grupos e artistas, todos merecem o mesmo respeito neste campo das artes. É de suma importância compreender e reconhecer que todos os tipos de dança têm a sua própria história e relevância, e que não podem ser apagados ou minimizados em detrimento da imagem clássica e soberba construída em torno do balé.

Vale mencionar que muitos dos artistas e grupos que participaram das mostras de 2015 e 2016 têm na sua existência, não por acaso, uma forte resistência aos diversos padrões coloniais impostos cultural e simbolicamente, o que fica claro ao apresentarem suas obras com conteúdo ligado ao universo das danças populares brasileiras, afro-brasileiras, das danças urbanas, ou com um trabalho mais autoral e experimental, ou ainda proveniente de uma topologia periférica de São Paulo; ou seja, são artistas e grupos que estão à margem, ou então que tratam sobre sujeitos/objetos que estão à margem e têm trabalhos com outras histórias que não aquelas do mundo ocidental, e que partem de outras epistemologias que não as coloniais.

Ciente da existência de tantas diferentes trajetórias culturais na dança – que por vezes desafiam a lógica de pensamentos lineares mais conservadores –, a curadoria da Mostra Semanas de Dança optou por acolhê-las, com toda a complexidade em lidar com as diferenças entre elas. Nesse sentido, a Mostra no ano de 2015, por exemplo, contou com uma interessante estratégia curatorial que contemplou uma diversidade de projetos: Videoarte, Site specific, Exposições fotográficas, Sessões de cinema, Jams de dança, além de apresentações de dança clássica, contemporânea, afro-brasileira, urbana, adulto e infantil, de artistas e de grupos de variadas formações, a saber: companhias de longa trajetória como o Balé da Cidade de São Paulo, Taanteatro Companhia, OMSTRAB, Companhia de Danças de Diadema, outras mais recentes como a Cia. Gumboot Dance Brasil, Grupo Zumb.Boys, iN Saio Cia. de Arte, Cia Brasília, Projeto Mov_Ola, Núcleo Pé de Zamba, e ainda grupos do Atelier Balé Jovem (da Escola de Dança do Teatro Municipal de São Paulo) e das Fábricas

de Cultura Itaim Paulista. Não obstante, também apresentou resultados cênicos do projeto Experimento Barroco, realizou o projeto Estação hip hop, e propôs o Grande Baile, uma atividade de danças de salão aberta ao público. Isso tudo numa programação de fôlego, a maioria oferecida gratuitamente, durante 3 semanas, todos os dias da semana (com exceção apenas de segunda feira, dia em que o CCSP- Centro Cultural São Paulo, entidade promotora do evento, não abre).

Deste modo, para além da oportunidade de tais companhias e grupos serem convidados a apresentar na Mostra Semanas de Dança, e do público ter a chance assistir e acompanhá-los, é importante também atentar para o legado deixado pela Mostra: vale refletir sobre a história que o CCSP vem construindo para a sua própria programação do Semanas de Dança, assim como para as companhias e grupos convidados, para a história de espetáculos apresentados na cidade de São Paulo, e também para os espectadores. Pois como afirma Andreia Nhur, a historiografia se vale “como uma construção de memórias em processo, cujo grau de comunicabilidade e instabilidade nos dão garantia de que a história da dança (...) deixa de ser hegemônica, para conviver com histórias singulares” (2013:46). Assim, ao convidar o Grupo Zumb.Boys, o Núcleo Pé de Zamba, ou realizar o projeto Estação hip hop, por exemplo, e até mesmo convidar companhias sem uma longa trajetória artística, a Mostra Semanas de Dança abre a sua programação para montagens realizadas com base na cultura hip hop, também para danças que são fruto da pesquisa sobre o universo popular tradicional brasileiro, e para apresentações mais experimentais – todas essas, experiências às margens, que não costumam fazer parte da história hegemônica da dança. Desta forma, a Mostra demonstra abertura para grupos que merecem ter reconhecimento, e assim tem a chance de desafiar a história da arte como um produto da cultura europeia.

A Mostra pôde, ainda, contemplar uma diversidade de público com hábitos e interesses variados, e fomentar o diálogo com grupos que utilizam o espaço externo para suas práticas de danças urbanas, assim como demais frequentadores do lugar³. Desta maneira, criar um encontro e talvez alguma fricção entre danças de dentro e de fora dos padrões coloniais de cultura parece ser interessante tanto para os artistas, públicos e gestores, quanto para mobilizar uma elaboração conceitual que aos poucos vem questionar e ressignificar tais imposições culturais coloniais, na prática de imaginar um mundo no qual muitos mundos podem co-existir (MIGNOLO, 2008).

Referências Bibliográficas

BANES, Sally. *Writing dancing in the age of postmodernism*. Hanover: University Press of New England, 1994

³ Além da rica programação cultural, o CCSP é conhecido também por ser ponto de encontro de muitos jovens que se reúnem em seu espaço externo para praticar danças urbanas em grupos, como Popping, Hip Hop Freestyle, Locking, K-pop, entre outros, devido à sua área espaçosa e plana e sua arquitetura com paredes de vidro, que por vezes são usadas como espelhos. Muitas pessoas também circulam no local por outros variados motivos, como jovens que se encontram lá para estudar ou jogar jogos de tabuleiros nas mesas instaladas fora da biblioteca.

- BELÉM, Elisa. *Notas sobre o teatro brasileiro: uma perspectiva descolonial*. Rev. Sala Preta, USP, São Paulo, Vol. 16, n. 1, pp. 120-131, 2016
- BOAS, Franz. *Antropologia Cultural*. São Paulo: Jorge Zahar, 2005
- BOURCIER, Paul. *História da Dança no Ocidente*. São Paulo: Martins Fontes, 2011
- BOTELHO, Isaura. *Dimensões da Cultura: políticas culturais e seus desafios*. São Paulo: SESC, 2016
- CARTER, Alexandra (org.). *Dance Studies Reader*. EUA & Canada: Routledge, 1998
- GUARATO, Rafael (Org.). *Historiografia da Dança: teorias e métodos*. São Paulo: Annablume, 2018
- KEALIINOHOMOKU, Joann. *An anthropologist looks at ballet as a form of ethnic dance*, in DILS, Ann & ALBRIGHT, Ann Cooper. *Moving History/Dancing Cultures*. Middletown: Wesleyan University Press, 2001
- LAUNAY, Isabelle. *Quando os bailarinos fazem-se historiadores*. In: Luiz Frenando Ramos (org.). *Arte e Ciência: abismo de rosas*, p. 141-152. São Paulo: ABRACE, 2012
- LAUNAY, Isabelle. *A elaboração da memória na dança contemporânea e a arte da citação*. Dança, Salvador, v. 2, n. 1, p. 87-100, jan./jun. 2013
- NAVAS, Cassia. *Dança e Mundialização: Políticas de Cultura no Eixo Brasil-França*. São Paulo: Editora Hucitec, 1999
- NAVAS, Cassia. *A arte da dança na universidade pública contemporânea*. In *Arte Contemporânea e suas interfaces*. V. 1. p. 99-105. São Paulo: Museu de Arte Contemporânea/Universidade de São Paulo, 2006
- NAVAS, Cassia. *Entrevistar e Escrever: procedimentos para palavras encarnadas de dança*. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 559-576, set./dez. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/presenca>
- NHUR, Andréia. *A não história da dança ou a historiografia dos restos*. In: Lenira Rengel; Karin Thrall. (Org.). *O corpo em cena*. 1ed. Guararema: Anadarco, 2013, v. 6, p. 37-62.
- MIGNOLO, Walter. *Histórias Locais/ Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003
- MIGNOLO, Walter. *Desobediência Epistêmica: a Opção Descolonial e o Significa de Identidade em Política*. Trad. Ângela Lopes Norte in Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, no 34, p. 287-324, 2008. Programa Semanas de Dança 2015, Centro Cultural São Paulo, 24/nov. a 13/dez.
- Programa Semanas de Dança 2016, Centro Cultural São Paulo, 08/set. a 02/out.